

Apocalipse de Sofonias: um apocalipse das terras do Egito

Apocalypse of Zephaniah: An apocalypse from the Lands of Egypt

 Vitor Emanuel Correa de Mesquita¹

Submetido em 30/05/2025

Aceito em 06/12/2025

RESUMO

O Apocalipse de Sofonias, preservado em manuscrito akhmímico, é um texto apocalíptico que reflete uma complexa interação entre o imaginário judaico-cristão e a cultura egípcia dos séculos II e III EC. Este estudo investiga as conexões entre o texto e o contexto egípcio, analisando elementos religiosos, simbólicos e literários presentes no manuscrito. Utilizando a intertextualidade como abordagem metodológica, fundamentada em Marcelo Carneiro, examinamos como o Apocalipse de Sofonias dialoga com a escatologia egípcia, incorporando imagens e conceitos como o julgamento da alma, a pesagem das ações e o papel dos anjos como intermediários. A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica, comparando passagens do apocalipse com o imaginário egípcio. Os resultados indicam que o autor estava imerso em um ambiente multicultural e resinificou elementos egípcios dentro de um discurso apocalíptico judaico-cristão. Assim, este estudo contribui para a compreensão das interações entre o cristianismo primitivo e a cultura egípcia, evidenciando como as tradições religiosas dialogaram e se influenciaram mutuamente no Egito tardo antigo.

Palavras-chave: Apocalipse de Sofonias, escatologia egípcia, cristianismo primitivo, intertextualidade, manuscritos coptas.

1 Pós-graduado em História do Cristianismo pela FABAT, Graduado em Teologia pela UNESA e Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela UNINTER. Mestrando em ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, Brasil.
E-mail: prof.vitoremanuel@gmail.com

ABSTRACT

The Apocalypse of Zephaniah, preserved in an Akhmimic manuscript, is an apocalyptic text that reflects a complex interaction between the Jewish-Christian imagination and Egyptian culture in the 2nd and 3rd centuries CE. This study investigates the connections between the text and the Egyptian context, analyzing religious, symbolic, and literary elements present in the manuscript. Using intertextuality as a methodological approach, based on Marcelo Carneiro, we examine how the Apocalypse of Zephaniah engages with Egyptian eschatology, incorporating images and concepts such as the judgment of the soul, the weighing of deeds, and the role of angels as intermediaries. The research adopts a bibliographic approach, comparing passages from the apocalypse with the Egyptian imaginary. The results indicate that the author was immersed in a multicultural environment and reinterpreted Egyptian elements within a Jewish-Christian apocalyptic discourse. Thus, this study contributes to understanding the interactions between early Christianity and Egyptian culture, highlighting how religious traditions dialogued and mutually influenced each other in Late Antique Egypt.

Keywords: Apocalypse of Zephaniah, Egyptian eschatology, Early Christianity, intertextuality, Coptic manuscripts.

1. Introdução

O Apocalipse de Sofonias, preservado em um manuscrito akhmímico e sahídico, é um dos textos associados à literatura apocalíptica judaica que oferece uma visão importante sobre o destino da alma após a morte e a interação entre o imaginário judaico-cristão e a cultura egípcia. Diferente do profeta bíblico de mesmo nome, esse apocalipse apresenta uma narrativa visionária repleta de imagens e símbolos que refletem tradições judaico-cristãs, mas também elementos profundamente enraizados na religiosidade e na mentalidade egípcia dos séculos II e III EC. A relação entre esse texto e o contexto egípcio levanta a hipótese de que seu autor não apenas conhecia, mas estava diretamente inserido na comunidade egípcia, o que influenciou sua composição e estrutura.

Este artigo busca analisar como o Apocalipse de Sofonias dialoga com a cultura egípcia, considerando a presença de elementos simbólicos, religiosos e literários característicos desse ambiente. Para isso, utilizaremos a intertextualidade como ferramenta metodológica, baseando-nos nas contribuições de Marcelo Carneiro, que permite compreender como diferentes tradições se cruzam no texto. A intertextualidade nos possibilitará identificar influências e ressignificações, demonstrando que esse apocalipse não apenas adapta narrativas escatológicas judaico-cristãs, mas as molda a partir de um repertório egípcio.

A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica, combinando análise textual e comparativa com outros escritos da época. O corpus de análise incluirá passagens específi-

cas do Apocalipse de Sofonias, em comparação com textos egípcios, para evidenciar os aspectos culturais e religiosos compartilhados. Os principais resultados indicarão que o autor do Apocalipse de Sofonias estava imerso em um ambiente multicultural e que sua obra representa um testemunho significativo da fusão entre o proto-cristianismo e a cosmovisão egípcia.

Dessa forma, este artigo contribui para os estudos sobre o cristianismo primitivo na África, destacando a importância do Egito como um espaço de produção literária. Ao investigar as influências egípcias na formação do Apocalipse de Sofonias, ampliamos a compreensão sobre como o cristianismo, desde seus primórdios, dialogou e se envolveu com elementos culturais diversos, moldando suas narrativas apocalípticas de maneira interconectadas.

2. O contexto do Apocalipse Akhmímico

Antes de adentrarmos as descrições desse texto copta, é necessário considerar algumas questões introdutórias sobre a problemática dos manuscritos e o provável local de produção dessa obra.

O Apocalipse de Sofonias sobrevive fragmentado em um manuscrito akhmímico, o que nos leva a refletir sobre os desafios da preservação e transmissão desse apocalipse. Porém, se faz necessário pontuar que esse apocalipse sobreviveu também em um outro dialeto: o sahídico. Há também uma descrição de Clemente de Alexandria sobre um apocalipse de Sofonias na antiguidade. Bem, dado estas informações e a sobrevivência em diferentes fontes, nos cabe analisar a relevância e a possível exatidão da comparabilidade desses manuscritos um com o outro. O que culminará no motivo pelo qual escolhemos falar somente do manuscrito akhmímico. Logo, como apontado anteriormente, o apocalipse de Sofonias sobrevive em dois dialetos coptas, a saber: o akhmímico datado por Steindorff (1899) no final do século IV e o sahídico datado do século V. A descoberta e a preservação dos manuscritos que contêm o Apocalipse de Sofonias estão diretamente ligadas ao complexo cenário da transmissão textual no Egito. No final do século XIX, um conjunto significativo de manuscritos coptas em dialetos akhmímico e sahídico foi adquirido em 1883, próximo a El-Abyad, perto de Sohag, e atualmente encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris (1899, p. 1-2; 2003, p. 1145). Urbain Bouriant, em 1885, publicou uma parte desses manuscritos sob a designação Apocalipse de Sofonias, atribuição que foi posteriormente revisada por Ludwig Stern e Georg Steindorff. O critério inicial para essa identificação foi a menção explícita ao nome “Sofonias” em um dos fragmentos sahídicos (Steindorff, 1899, p. 1-2; Diebner, 2003, p. 1146).

A investigação sobre a autenticidade e a organização desses fragmentos avançou com a descoberta, em 1888, de mais nove fólios de um manuscrito akhmímico em Akhmîm (Steindorff, 1899, p. 3-5; Diebner, 2003, p. 1146-1147). Esses textos foram incorporados ao acervo dos Museus Estatais de Berlim, o que permitiu uma nova análise comparativa. Steindorff, em sua edição de 1899, propôs uma distinção entre os textos, identificando a maior parte do material akhmímico e sahídico como pertencente ao Apocalipse de Elias, enquanto apenas um dos fólios sahídicos, por conter a referência direta a Sofonias, manteve a designação de Apocalipse de Sofonias (Steindorff, 1899; Diebner, 2003, p. 1146). Além disso, um conjunto de fólios akhmímicos, sem um

nome explícito de autoria, foi provisoriamente classificado como Apocalipse anônimo (Steindorff, 1899, p. 15).

Conforme Diebner (2003) a questão da identificação e organização desses textos permanece uma problemática fundamental nos estudos sobre apocalipses cristãos primitivos. O caráter fragmentário dos manuscritos e a complexidade da transmissão textual no Egito levantam desafios quanto à atribuição de autoria e à delimitação entre diferentes obras². Dessa forma, a origem e a composição do Apocalipse de Sofonias não podem ser compreendidas isoladamente, mas devem ser situadas no contexto da transmissão textual no Egito cristão. A descoberta dos manuscritos em Akhmîm, somada à sua posterior dispersão e classificação, sugere que a obra estava inserida em um ambiente intelectual no qual diferentes tradições apocalípticas coexistiam e interagiam. A conexão com o Apocalipse de Elias³ e a presença de elementos egípcios no texto reforçam a hipótese de que sua autoria e recepção estavam fortemente vinculadas à cultura local.

E neste sentido, nos deparamos com o primeiro problema: a possível relação entre o texto e a sua localidade. O contexto dos manuscritos cristãos no Egito é marcado por sua relação com a tradição copta e pela complexidade da sua circulação. A citação de Lundhaug (2023) em seu artigo destaca um ponto crucial na discussão sobre a origem do Apocalipse de Sofonias: a incerteza quanto à sua relação com o Mosteiro Branco, o famoso centro monástico fundado por Shenoute em Atriipe. Embora alguns relatos iniciais sugerissem que os manuscritos sahidícos e akhmímicos poderiam ter vindo desse mosteiro, Lundhaug (2023, p. 164) enfatiza que não há qualquer evidência concreta para sustentar essa associação.

Segundo o autor, essa ideia parece ter surgido de uma confusão nos primeiros relatórios sobre as descobertas feitas por Gaston Maspero em 1883. Maspero adquiriu, de fato, um grande número de folhas e fragmentos de códices provenientes do Mosteiro Branco, mas também obteve manuscritos mais antigos em akhmímico, supostamente escavados em um cemitério em Akhmîm (Panópolis) na mesma época (Lundhaug, 2023, p. 164). A sobreposição entre essas duas aquisições levou alguns estudiosos a inferirem erroneamente que os manuscritos do Apocalipse de Sofonias tinham a mesma procedência dos pergaminhos do Mosteiro Branco.

Lundhaug (2023) deixa claro que essa conexão entre os manuscritos e o Mosteiro Branco não é sustentada por evidências concretas, sendo fruto de uma leitura equivocada dos achados arqueológicos. E segundo ele,

Em qualquer caso, se a datação dos manuscritos estiver correta, corresponderia ou seria muito próxima do período em que Shenoute era chefe da federa-

- 2 Segundo Diebner (2003) complexidade dessa questão torna-se ainda mais evidente nas edições posteriores dos textos, como as de Paul Riessler e Herbert Pierrepont Houghton, além das traduções de O. S. Wintermute e K. H. Kuhn. As discordâncias entre os estudiosos sobre a classificação dos fragmentos evidenciam a necessidade de uma abordagem mais rigorosa na análise da relação entre esses documentos, bem como uma compreensão aprofundada do ambiente cultural e religioso em que foram produzidos (Diebner, 2003).
- 3 Um apocalipse que também dialoga com problemáticas e questões no Egito. Apocalipses posteriores ao de Sofonias, bebem do nosso texto akhmímico. Neste sentido, encontramos comparações claras entre esses apocalipses.

ção dos Mosteiros Brancos (de 385 a pelo menos cerca de 450 d.C.). A oposição de Shenoute à leitura de apócrifos é bem conhecida, e seria de se supor que, se esses manuscritos estivessem presentes no Mosteiro Branco durante seu reinado, isso teria ocorrido sem o seu conhecimento, para não mencionar a aprovação (Lundhaug, 2023, p. 164).

Considerando essa problematização, é essencial questionar se o Apocalipse de Sofonias pertenceu, de fato, ao ambiente monástico shenoutiano ou se sua circulação estava mais ligada a outros contextos cristãos no Egito, como os centros urbanos de Panópolis e suas redes intelectuais e religiosas.

O segundo problema se remete a relação da textualidade dos manuscritos entre si. Steindorff em 1899 corretamente associa o manuscrito akhmímico não como parte do apocalipse de Sofonias, mas ele o nomeia como “o apocalipse desconhecido”. Steindorff (1899) traz uma contribuição essencial para a compreensão da relação entre os fragmentos sahídicos e akhmímicos do Apocalipse de Sofonias. Ele analisa as páginas 1 e 2 dos manuscritos sahídicos, que contêm um fragmento de uma visão do além e que, com base nos versos 12-13 da primeira página, podem ser identificadas como pertencentes ao Apocalipse de Sofonias (Steindorff, 1899, p. 9-13).

Ele destaca que a linguagem utilizada nesse fragmento sahídico apresenta semelhanças com o Apocalipse anônimo (Akhmímico) encontrado nos manuscritos akhmímicos. Isso poderia indicar que ambos pertencem à mesma obra, sugerindo que o título do manuscrito akhmímico anônimo seria, na realidade, Apocalipse de Sofonias. No entanto, Steindorff enfatiza que, apesar dessa proximidade literária, não é possível encaixar o texto sahídico em nenhuma parte específica do manuscrito akhmímico (Steindorff, 1899, p. 15-16).

Essa impossibilidade de alinhamento ocorre porque o fragmento sahídico inicia-se já na descrição do lugar dos condenados, enquanto o texto akhmímico, aparentemente, começa narrando a jornada do protagonista. Além disso, o fragmento não se encaixa nas lacunas entre as páginas 12 e 13 do texto akhmímico, tampouco pode ser posicionado no final da primeira seção, após a página 18, como aponta Steindorff (1899).

Diante dessas dificuldades, ele conclui que esse fragmento sahídico do Apocalipse de Sofonias deve ser tratado como um texto independente das outras duas seções identificadas nos manuscritos analisados.

Os paralelos entre os manuscritos podem sugerir também que ambos pertencem a uma tradição compartilhada, na qual uma versão complementar a outra em termos de detalhes, estrutura e ênfase narrativa. No entanto, Diebner (2003, p. 1152) alerta que a recorrência desses motivos exige uma abordagem crítica para diferenciar semelhanças estruturais de gênero de uma possível relação de dependência literária.

Para uma análise mais precisa, torna-se essencial distinguir entre elementos “tipicamente apocalípticos” e aspectos que conferem singularidade a cada texto. Nesse sentido, a abordagem proposta por Diebner (2003) sobre essa distinção se torna relevante. Ele argumenta que, embora existam correspondências significativas entre os dois manuscritos, como mencionado anteriormente, diferenças em termos de conteúdo, função e estrutura impedem que se afirme conclusivamente que sejam versões ou recensões de uma mesma obra apocalíptica (Diebner, 2003, p. 1153). Sua análise considera tanto os elementos característicos da literatura apocalíptica quanto as particularidades de cada texto.

Um dos pontos centrais da argumentação de Diebner (2003) é a identificação de elementos que são comuns à tradição apocalíptica e aparecem em ambos os manuscritos. Ele observa que temas como o temor do vidente diante de uma revelação impactante (sahídico 1:8-10), a transição entre diferentes espaços de revelação sob a orientação de um anjo (1:23-26) e a visão de uma multidão incontável de anjos (1:27-29) estão presentes nos dois textos. Essas semelhanças podem indicar um vínculo entre as tradições sahídica e akhmímica. No entanto, mesmo esses elementos compartilhados apresentam diferenças contextuais e funcionais, sugerindo abordagens narrativas distintas (Diebner, 2003, p. 1153).

Além disso, Diebner (2003) identifica aspectos exclusivos de cada manuscrito. No texto sahídico, há descrições de anjos atuando nos locais de punição (1:30-33) e o relato de anjos que capturam e castigam almas pecadoras, elementos que se inserem amplamente na literatura apocalíptica. Já no manuscrito akhmímico, surgem passagens únicas, como a exortação de um anjo ao vidente, assegurando sua vitória sobre o submundo (akhmímico 12:11; 13:14). As funções narrativas dos anjos também divergem: no texto sahídico, o anjo encoraja o profeta (1:10-15), enquanto no akhmímico, ele declara a superação dos desafios (Diebner, 2003, p. 1153).

Dessa forma, as semelhanças entre os textos não são suficientes para que sejam considerados variantes de uma mesma obra. As diferenças estruturais e funcionais, somadas à falta de uma sequência narrativa coincidente, indicam a ausência de evidências de que ambos os manuscritos pertençam ao mesmo apocalipse. Além disso, o manuscrito akhmímico se mostra mais alinhado com aspectos da cultura egípcia (e um cristianismo se desenvolvendo), um ponto que será abordado em maior profundidade nas próximas seções. Portanto, optamos por trabalhar com o manuscrito akhmímico neste artigo.

3. Proposta metodológica para uma leitura a partir da intertextualidade

A abordagem metodológica intertextual adotada neste artigo fundamenta-se nas concepções de Marcelo Carneiro (2021), complementadas pelos estudos de Zabatiero (2007) e Tiphaine Samoyault (2008)⁴. Esses autores contribuem com a ampliação da compreensão da intertextualidade, tratando-a como um fenômeno de relação textual direta e como um campo amplo de interações discursivas, onde ideias, temas e estruturas narrativas circulam e se transformam dentro de diferentes tradições textuais e culturais.⁵

Como aponta Marcelo Carneiro (2021), esse fenômeno deve ser compreendido como um campo amplo de interações discursivas, onde as ideias circulam e se transformam dentro de diferentes tradições textuais e culturais (Carneiro, 2021, p. 206). Ele também enfatiza que a intertextualidade pode ocorrer de diversas maneiras. Em sua forma mais evidente, manifesta-se por meio da citação direta, quando um texto incorpora trechos literais de outro, e da alusão, quando há uma referência indireta, que

4 Esses autores foram utilizados também por Carneiro no livro *Para estudar a Bíblia* (Carneiro, 2021).

5 Aqui, a aproximação entre texto e cultura é intencional.

pode ser percebida por meio de palavras-chave, temas ou imagens recorrentes (Carneiro, 2021, p. 206). No entanto, ele destaca um terceiro nível de intertextualidade, que muitas vezes passa despercebido: a presença de ideias semelhantes em textos distintos (Carneiro, 2021, p. 206).

É nesse ponto que Carneiro contribui significativamente para a ampliação do conceito de intertextualidade. Esse terceiro nível, enfatizado por Carneiro (Carneiro, 2021), é essencial para compreender a relação do Apocalipse de Sofonias com outros textos apocalípticos e temas comuns no imaginário Egípcio, pois revela conexões menos evidentes, baseadas na participação de diferentes obras em um campo de significados compartilhado. Carneiro argumenta que a intertextualidade deve ser vista como um fenômeno dinâmico, no qual os textos não só dialogam entre si, mas também são constantemente reinterpretados dentro de novas conjunturas históricas e culturais (Carneiro, 2021, p. 206). Esse processo de ressignificação é particularmente relevante no caso do Apocalipse de Sofonias, cuja narrativa escatológica dialoga tanto com textos apocalípticos judaico-cristãos, como o Apocalipse de Pedro e o Apocalipse de Paulo, quanto com concepções egípcias sobre a vida após a morte⁶. Ele argumenta que, quando dois textos compartilham temas, conceitos ou estruturas narrativas sem que haja uma citação ou alusão explícita, pode-se estar diante de um fenômeno que extrapola a intertextualidade em sentido estrito (Carneiro, 2021, p. 206-207). Esse fenômeno, segundo ele, pode ser mais bem compreendido à luz da interdiscursividade, do dialogismo e do conceito de imaginário comum.

A interdiscursividade, conforme definida por Zabatiero (2007, p. 74), “é o termo que explica o uso que um texto faz de discursos, a ele anteriores, ou contemporâneos”. E segundo ele “há duas maneiras de uso de outros discursos: a citação, quando um texto copia percurso(s) temático(s) de outro(s); e a alusão⁷, quando um texto se apropria mais livremente de percurso(s) temático(s) de outro(s)” (Zabatiero, 2007, p. 74). Assim, Carneiro explica que o imaginário comum é um elemento essencial para entender essas conexões menos explícitas entre os textos (2021, p. 206).

Ele se refere ao conjunto de ideias, símbolos e narrativas que circulam dentro de uma determinada cultura e que, por isso, aparecem de maneira recorrente em diferentes produções textuais, sem necessariamente derivarem uma da outra. Esse conceito se aproxima da ideia de semiosfera, proposta pela semiótica cultural, a qual Marcelo cita. E sugere que os textos fazem parte de um sistema de significação compartilhado, onde as referências e os sentidos não estão isolados, mas sim em constante diálogo e ressignificação.

No caso do Apocalipse de Sofonias, a interdiscursividade e o imaginário comum são evidentes na incorporação de elementos do imaginário egípcio e cristão na descrição da jornada pós-morte. Alguns percursos temáticos que se destacam incluem (I) A descrição das torturas infernais e recompensas celestiais, que remete tanto à literatura apocalíptica Judaica-cristã quanto às crenças funerárias egípcias, como os julgamentos após a morte. (II) A hierarquia de entidades celestes e demoníacas, que dialoga com a cosmologia egípcia e suas concepções sobre o pós-vida. Esses elementos demonstram

6 Neste artigo, o foco será apenas a aproximação com os textos da cultura Egípcia.

7 Uma definição que é próxima a de Tiphaine Samoyault no livro *A Intertextualidade* (Samoyault, 2008, p. 49-50).

que o Apocalipse de Sofonias não só estabelece intertextualidade com escritos apocalípticos judaico-cristãos, mas também participa de um campo interdiscursivo que envolve discursos religiosos egípcios.

Para Carneiro (2021), essa perspectiva é fundamental quando se analisa a intertextualidade dentro de contextos históricos e religiosos, como no caso dos textos bíblicos e dos não-canônicos. Ele argumenta que, muitas vezes, as conexões entre esses textos não podem ser explicadas apenas pela influência direta de um sobre o outro, mas sim pela participação de ambos em uma tradição discursiva comum (Carneiro, 2021, p. 208). Isso significa que, ao estudarmos textos antigos, devemos considerar as relações textuais diretas, mas também as redes de significação que os atravessam e que foram construídas ao longo do tempo (Carneiro, 2021, p. 209).

Portanto, ao aplicar a intertextualidade como ferramenta metodológica, buscaremos encontrar recensões na narrativa do texto. Carneiro enfatiza que essa abordagem não se limita à análise de citações e alusões, mas envolve também a identificação de padrões temáticos, simbólicos e discursivos que revelam a circulação e resignificação de ideias dentro de diferentes contextos culturais e históricos (Carneiro, 2021, p. 209-210).

4. O que há depois da morte? O Apocalipse de Sofonias e o imaginário Egípcio

Essa pergunta é crucial para o nosso visionário. Tudo indica que ele morre e experimenta todo o processo do pós-morte, vivenciando uma jornada desde o submundo (Amente) até as diversas realidades do além. O Apocalipse de Sofonias não só descreve essas experiências, mas também as insere em um contexto no qual a morte não é um fim absoluto, mas um portal para um universo ordenado por entidades e juízos divinos.

Bauckham (1998), em seu livro *The Fate of the Dead*, argumenta que os apocalipses antigos desempenharam um papel central na formulação das concepções judaico-cristãs sobre a vida após a morte. Ele destaca como, ao longo do tempo, houve uma transição de uma preocupação mais ampla com a escatologia histórica e cósmica para uma ênfase progressiva na escatologia pessoal, ou seja, no destino individual após a morte (Bauckham, 1998, p. 1). Essa mudança de paradigma reflete uma transformação do imaginário e um deslocamento nas ansiedades religiosas e culturais das comunidades que produziram essas literaturas.

No contexto dos apocalipses judaicos do período do Segundo Templo, a esperança escatológica estava fortemente associada à restauração de Israel e à renovação cósmica do mundo, um evento coletivo vinculado à soberania divina (Bauckham, 1998, p. 1). O destino individual, embora presente, era concebido dentro do contexto maior da restauração escatológica do povo de Deus e da criação. No entanto, Bauckham aponta que, com o passar do tempo, alguns apocalipses começaram a deslocar essa ênfase para o destino pessoal das almas imediatamente após a morte, separando parcialmente essa preocupação da consumação final da história (Bauckham, 1998, p. 1).

Essa transição fica evidente em textos como o Apocalipse de Pedro e o Apocalipse de Paulo (e no apocalipse que estamos analisando), nos quais a questão do julgamento individual e as descrições detalhadas do paraíso e do inferno ganham protagonismo

(Bauckham, 1998, p. 1-2). O desenvolvimento desse paradigma sugere uma mudança no modo como as comunidades religiosas passaram a entender a relação entre justiça divina e experiência pós-morte, refletindo uma maior preocupação com a condição imediata dos falecidos em vez de um foco exclusivo na ressurreição final (Bauckham, 1998, p. 1-2).

Em vez de aguardar passivamente a ressurreição no fim dos tempos, tornou-se cada vez mais importante compreender o destino intermediário das almas. Essa perspectiva ganhou força especialmente no cristianismo primitivo como aponta Bauckham (Bauckham, 1998, p. 2), onde a crença na imortalidade da alma e na existência de punições e recompensas imediatas passou a complementar e, em alguns casos, a sobrepor-se à expectativa da ressurreição.⁸

Neste sentido, (I) O Apocalipse de Sofonias descreve a passagem da alma por diferentes regiões do pós-vida, onde enfrenta julgamentos e visões de tormento e recompensa. Essa jornada tem paralelos com os textos funerários egípcios, como o Livro dos Mortos, as confissões negativas e outros textos relacionados ao pós-morte, no qual a alma do falecido deve atravessar provas e enfrentar entidades que determinam seu destino final. O conceito de tribunais divinos e de uma travessia pelas esferas celestes e infernais remete à cosmologia egípcia, na qual o morto precisa justificar sua vida perante a divindade como Osíris. (II) O texto menciona um grande anjo que acompanha e orienta o visionário (Eremiel). Esse ser pode ser associado à função dos deuses egípcios como Anúbis, que guia as almas no além. Além disso, há referências à avaliação da alma, o que lembra a pesagem do coração um rito central na escatologia egípcia, no qual o coração do morto era pesado contra a pena de *Ma'at*⁹ para determinar seu destino. (III) O toque de trombetas mencionado no apocalipse tem paralelos com tradições judaico-cristãs (como as trombetas do Apocalipse de João). (IV) O texto apresenta criaturas demoníacas e seres punitivos que torturam os ímpios. A iconografia dessas entidades tem semelhanças com representações demoníacas egípcias, como os espíritos vingativos do Duat (submundo egípcio), que punem os condenados. Essa concepção de um pós-vida dividido entre recompensas e tormentos se aproxima da escatologia egípcia, na qual os que fracassam no julgamento são devorados por Ammut ou condenados a sofrimentos eternos. Não apenas conseguimos realizar essas aproximações com o ambiente egípcio, como também, por ser fruto de um imaginário apocalíptico judaico-

8 No entanto, como Bauckham (1988) enfatiza, a escatologia pessoal nunca se desvinculou completamente da escatologia cósmica e histórica. Mesmo os apocalipses que enfatizam o destino das almas logo após a morte mantêm elementos da esperança final na ressurreição e no juízo divino definitivo (Bauckham, p. 2). O que ocorre é uma reconfiguração das prioridades dentro da tradição apocalíptica, onde a preocupação com o destino individual se torna um tema central, mas ainda inserido no contexto maior da consumação da história e da renovação do cosmos (Bauckham, p. 2).

9 No Livro dos Mortos, a concepção egípcia de pós-vida se manifesta como um itinerário geográfico do submundo repleto de provas e desafios espirituais, nos quais a alma do falecido é conduzida pelos encantamentos sagrados para alcançar o julgamento final no Duat, o reino dos mortos. O ápice desse percurso ocorre na famosa pesagem do coração na balança de *Maat*, princípio divino que encarna a verdade e a justiça. O coração, entendido como sede das ações, intenções e moralidade do indivíduo, é comparado à pena da deusa. Se equilibrado, a alma é conduzida aos Campos de Juncos, lugar de bem-aventurança junto a Osíris; se condenado, é entregue à aniquilação nas garras de *Ammut*, a devoradora. Conferir Faulkner (2010); Faulkner (1998); Taylor (2001); Hornung (2002).

-cristão, se pode encontrar muitas semelhanças com apocalipses cristãos posteriores ao nosso apocalipse akhmímico.

O texto akhmímico começa com uma cena funebre onde pessoas dizem “nós o levaremos para fora, tocando a cítara junto a ele e entoando lamentações com cânticos sobre seu corpo” (Akhmímico 1). É interessante também pontuar os papéis dos anjos, estes servem não apenas como guias, mas as representações dos anjos que anotam as boas e as más ações do seres humanos, parecem representar uma categoria importante para o julgamento individual, anjos que guardam a travessia dos dois mundos, anjos punitivos e anjo que guarda e guia as almas para Amente, marcam uma personalidade diferente no apocalipse akhmímico. Segundo Sommer (2021, p. 212):

A escatologia do Akh é interessante, e eu ousaria dizer que este apocalipse não é um texto do fim dos tempos. Pelo contrário, Akh nos diz que o destino dos mortos não é selado por Deus no fim da história, mas imediatamente após a morte. Ao contrário do Apocalipse Etíope de Pedro ou do Apocalipse de João, o texto não descreve uma cena final do tribunal no final da história para a qual todas as pessoas mortas ressuscitam, mas revela um conceito ou, melhor ainda, uma paisagem de uma vida após a morte que existe simultaneamente ao espaço e ao tempo. As más ações não são redimidas após o dia do juízo final, mas muito tempo antes. Para Akh, as portas do Céu e do Inferno estão abertas para os mortos, embora a história não tenha chegado ao fim.

E de fato, o apocalipse akhmímico reforça uma preocupação em grande parte do manuscrito, sobre o destino da alma, reservando poucas partes (o final) para o destino do cosmos que ainda assim não é concluído, mas projetado para um futuro.

Como relatado anteriormente, o Apocalipse de Sofonias se aproxima mais com as preocupações e o imaginário egípcio. Há também uma forte relação com os livros do submundo. Ainda sobre Sommer, o autor enfatiza a relação do imaginário Egípcio com o apocalipse de Sofonias:

Todo o conjunto de motivos da narrativa (portões cuspidores de fogo, porteiros armados mantendo pessoas impuras fora do submundo, um tribunal com uma balança no centro, um escrivão que está protocolando e relatando o processo de pesagem, um acusador com uma aparência híbrida [meio gato, meio réptil] e dentes afiados esperando para engolir o réu, e uma pequena barca de navio viajando pelo mar do submundo) pertence ao repertório colorido dos antigos livros egípcios do submundo (Sommer, 2021, p. 213).

Erik Hornung, em sua obra *Die Unterweltsbücher der Ägypter*, propõe uma análise da concepção egípcia da morte, considerando-a não como uma ruptura definitiva, mas como um processo essencial para a regeneração do cosmos (Hornung, 1992, p. 9-13). Ele destaca que, ao contrário da visão ocidental de superação do fim da vida, os egípcios enxergavam a morte como parte de um ciclo natural que mantinha a ordem cósmica. A morte, portanto, não era algo a ser “superado” (*Überwindung*), mas algo a ser integrado e que possuía uma função fundamental no todo do universo (*Der Tod hat eine zutiefst notwendige Funktion im Weltganzen*) (Hornung, 1992, p. 9). Hornung usa o exemplo do deus-sol Rá, que, todas as noites, se transforma de um velho em um “pequeno filho”, simbolizando a renovação do ciclo da criação (Hornung, 1992, p. 9-10). De maneira

similar, o túmulo de um egípcio era concebido como um espaço de rejuvenescimento, essencial para garantir sua continuidade na existência após a morte.

Nesse contexto, a preparação para a jornada pós-morte no Egito envolvia tanto aspectos materiais quanto espirituais. A mumificação, por exemplo, permitindo que o corpo sobrevivesse aos desafios do além, enquanto os bens materiais, como utensílios e estátuas, asseguravam ao falecido os elementos necessários para sua nova vida (Hornung, 1992, p. 11). No entanto, o sucesso da travessia dependia de um conhecimento profundo sobre as realidades do além, uma “*Jenseitswissenschaft*” (ciência do além), fundamentada em textos funerários que descreviam em detalhes as regiões do além e as divindades que o habitavam (Hornung, 1992, p. 12). Hornung destaca que os egípcios além de praticarem magia, desenvolviam uma tradição sistemática de estudo e catalogação das entidades e regiões do submundo, diferenciando-se de outras culturas antigas, como a mesopotâmica, que se concentravam mais nas estrelas do que nos mistérios do mundo subterrâneo (Hornung, 1992, p. 11).

Segundo Hornung (1992), essas concepções mais antigas do além, inicialmente descritas de forma mais vaga nos primeiros textos religiosos egípcios, como os Textos das Pirâmides, se tornaram progressivamente mais detalhadas. Esses textos, registrados nas câmaras funerárias das pirâmides e posteriores túmulos de rainhas, apresentavam uma visão elaborada do reino dos mortos (1992, p. 12).

Hornung (1992) também observa que, com o tempo, as ideias sobre o além se tornaram mais complexas e, ao mesmo tempo, mais sistemáticas. Nos Textos dos Sarcófagos, por exemplo, o além foi frequentemente identificado com o “Oeste”, personificado como uma deusa que acolhia os mortos como seus filhos, refletindo uma mudança na visão anteriormente negativa dessa região (Hornung, 1992, p. 12-13). No entanto, o céu continuava a ter um papel central, e a conexão entre o falecido e Osíris, um dos deuses do além, evidenciava a fusão entre o céu e o submundo. Essa dualidade entre o céu e o submundo perdurou, com uma representação contínua nos sarcófagos e tumbas do Novo Império e na iconografia da Época Tardia (Hornung, 1992, p. 12).

A crescente sofisticação dos textos funerários egípcios se reflete na descrição de regiões mais detalhadas do além e na construção de uma topografia precisa do submundo. Durante a transição entre o Antigo e o Médio Reino, explica Hornung (1992, p. 12), surgiram representações mais específicas das regiões que o morto deveria atravessar mencionados no Livro dos Dois Caminhos. Esse texto, encontrado em sarcófagos da necrópole de *El Bersheh*, é um dos primeiros a incluir um mapa do além, descrevendo os perigos que o falecido deveria evitar e as rotas a seguir, embora ainda não apresente uma separação clara entre o céu e o submundo (Hornung, 1992, p. 13). A referência ao “rio de fogo” são exemplos de como os textos funerários abordaram as paisagens do além, detalhando a jornada do falecido com elementos simbólicos como o fogo e a escuridão (Hornung, 1992, p. 13).

5. Conexões entre dois mundos

Dentre os primeiros textos a serem registrados, o *Amduat* se destaca como o mais importante e influente (Hornung, 1992, p. 17; 2002). Originário de um período anterior ao reinado de Tutmósis I, este livro apresenta uma descrição detalhada da jornada

do deus Sol (Rá) através das doze horas da noite, um percurso mítico que representa a travessia da escuridão do além (Hornung, 1992, p. 18-19; 2002). O texto não só detalha as diversas ameaças e entidades que o Sol encontra, mas também as diversas transformações que o deus sofre em sua jornada, com o objetivo de ressuscitar ao amanhecer. Hornung (1992; 2002) observa que o Amduat é notavelmente mais antigo que os outros livros dos mortos e integra imagens e concepções que remontam ao Reino Médio (p. 19). A partir do reinado de Tutmósis I, o Amduat se torna uma característica indispensável dos sepulcros reais, reforçando a importância de sua representação no templo funerário (Hornung, 1992, p. 20-21; 2002). Porém, conforme Hornung detalha, o texto não se limita às dinastias reais. Em períodos posteriores, como na dinastia XXVI, o Amduat e outros textos similares tornaram-se acessíveis a oficiais e até a civis de classe média, uma democratização que ocorre gradualmente e reflete a mudança na sociedade egípcia ao longo do tempo (Hornung, 1992, p. 22-23; 2002).

O texto sobre o Amduat e as descrições detalhadas do julgamento e da travessia para o paraíso apresentam várias semelhanças estruturais com o Apocalipse de Sofonias. Ambas as obras abordam a jornada da alma após a morte, o julgamento de ações passadas e o eventual destino da alma, com uma ênfase forte na divisão entre o bem e o mal, além da presença de entidades que realizam o julgamento e as punições.

No Amduat, a separação do mundo dos mortos em várias regiões, separadas por portões guardados por criaturas híbridas, é um reflexo das fronteiras espaciais que também aparecem no Apocalipse de Sofonias, onde diferentes áreas ou estados do mundo-além são destacados por portões e processos que determinam a pureza dos mortos (akhmímico 3; akhmímico 6; akhmímico 7). Ambas as narrativas utilizam símbolos de julgamento, como o uso de balanças para pesar as boas e más ações, e destacam uma figura de acusador ameaçadora, que no Amduat é representada por uma criatura com aparência de serpente, enquanto no Apocalipse de Sofonias, a função do acusador e da acusação é igualmente marcada (akhmímico 13).

Além disso, a presença de uma “barca” ou “embarcação” que conduz o personagem principal através de águas, como no Amduat, se assemelha à travessia para o paraíso ou a jornada espiritual no Apocalipse de Sofonias, onde a travessia simboliza uma purificação ou passagem para uma nova existência (akhmímico 13).

Ambos os textos utilizam elementos como o julgamento final e a determinação do destino das almas, seja para a recompensa eterna ou para a condenação. Essas comparações reforçam a ideia de que a jornada espiritual após a morte, o julgamento divino e a purificação são temas centrais tanto nos textos funerários Egípcios quanto no Apocalipse de Sofonias, e ambos compartilham estruturas e símbolos de reflexão cósmica que refletem a complexidade da visão egípcia e judaica sobre a vida após a morte.

Outro fator é a referência à visão do “visionário” que vê a terra suspensa como uma gota de água e à sua ascensão para dentro de um poço no contexto do Apocalipse de Sofonias também compartilha uma imagem simbólica com certos elementos presentes no imaginário Egípcio (Akhmímico 2). Algo que se aproxima muito com as chora greco-romanas:

Nos textos fúnebres, o espaço entre o mundo dos vivos e dos mortos é uma região liminar, de transição e transformação. O conceito de ascensão ou descida entre diferentes esferas de existência é uma característica comum em várias narrativas antigas, e as imagens de um “poço” ou de uma jornada ascendente indicam movimentos entre o

material e o imaterial, o visível e o invisível, o terrenal e o divino. A ideia de um “poço” pode ser interpretada como um símbolo de conexão, um ponto de transição entre diferentes dimensões de existência. Essa narrativa se reverbera no imaginário de túmulos. Conforme Sommer (2022, p. 245) apresenta, nós “sabemos pelas escavações da catacumba de *Kom el-Shogafa* em Alexandria que no Egito romano as necrópoles foram construídas como um poço, de modo que, ao olhar para cima, dependendo da posição do sol, a luz cai sobre os túmulos” (ver figura 3). E que “talvez um certo paralelo possa ser encontrado aqui, uma vez que o texto enfatiza explicitamente que a jornada para a vida após a morte começa com uma cena fúnebre (Sommer, 2022, p. 245).”

Em outra cena, o visionário olha para frente novamente e vê os portões de ferro, dos “quais saíam labaredas de fogo, alcançando cerca de cinquenta estádios de distância”. Quando ele novamente vira, os portões se afastando. Diante dele percebe um grande mar. Em um primeiro momento o visionário pensa que o mar que está à sua frente contém água, mas “quando me aproximei, percebi que era um mar de fogo, denso como lama, lançando violentamente chamas. Suas ondas ardiam com enxofre e piche (akhmímico 7).” Essa cena se aproxima muito do imaginário egípcio, no qual a concepção de punição no além-túmulo estava fortemente associada ao fogo. Nos textos funerários do Egito Antigo, como os Textos das Pirâmides, os Textos dos Sarcófagos e o Livro dos Mortos, o fogo aparece como um elemento central na punição dos ímpios (Hornung, 1968, p. 21). As representações do inferno egípcio retratam um cenário de chamas incessantes, onde os condenados eram atacados por serpentes flamejantes, divindades que expeliam fogo, espadas ardentes e até mesmo pelo olhar incandescente de deuses e demônios (Hornung, 1968, p. 21-25). O “vento ardente” castigava os pecadores, que eram queimados, cozidos e consumidos pelas chamas. Algumas representações mostram suas cabeças transformadas em tochas ou descrevem um fogo que jamais se apaga, simbolizando um tormento eterno (Hornung, 1968, p. 23-25).

Uma das figuras centrais desse cenário de punição era o Lago de Fogo, um local de condenação descrito como um corpo de água convertido em chamas para os ímpios, enquanto para os justos permanecia refrescante e purificador (Hornung, 1968, p. 21-23). Essa dualidade se manifesta na crença de que Osíris e os bem-aventurados encontravam refrigério e alimento nesse lago, enquanto os pecadores enfrentavam sua destruição. Nos livros funerários egípcios, a punição pelo fogo aparece de diversas formas. No Livro das Portas e no Amduat, por exemplo, menciona-se o “Lago das *Uraeus*”, onde cobras flamejantes queimavam os pecadores. No Livro das Cavernas, a punição envolvia enormes caldeirões nos quais os condenados eram cozidos vivos, uma imagem que ecoaria nas representações medievais do inferno. O simbolismo do fogo como meio de purificação e destruição era parte fundamental da visão egípcia da vida após a morte (Hornung, 1968, p. 23-25).

Mais adiante, o visionário então foi levado para Amente, o domínio sombrio onde as almas aguardam seu destino. Diante dele, um grande anjo se erguia em majestade e poder. O visionário, tomado de assombro, questionou ao anjo guia: “Que lugar é este para o qual fui trazido?” E o anjo respondeu-lhe com voz firme: “Este é Amente”. Ao observar mais atentamente, o visionário viu uma figura imponente, um anjo de presença severa. Intrigado, perguntou: “Quem é este grande anjo que vi ali de pé?” E a resposta veio: “Este é aquele que acusa os homens diante do Senhor” (Akhmímico 10). Então, o visionário contemplou algo terrível e solene: nas mãos do Acusador havia um

rolo de escrita. O anjo começou a desdobrá-lo, e quando foi aberto, as palavras nele contidas tornaram-se visíveis aos olhos do visionário. Para seu espanto, tudo o que havia feito desde a infância até aquele dia estava registrado ali, cada falta, cada omissão (Akhmímico 11). Um grande anjo apareceu diante dele e declarou: “Vence! Sê forte! Pois tu és forte! Tu vencerás o Acusador! Tu subirás de Amente e do Abismo. Agora serás transportado para o lugar da travessia.” Então, outro rolo foi trazido, este escrito à mão, e mais uma vez o anjo começou a desdobrá-lo. Ao lê-lo, o visionário percebeu que o destino lhe reservava algo além do juízo: uma nova jornada estava diante dele (Akhmímico 12). O texto prossegue com a seguinte fala “É necessário pesar os bons e os maus em uma balança!” (Akhmímico 13)

Essa cena não estimula nenhum outro pensamento ou lembrança, sem ser o tribunal de Osíris. Todas as representações, as imagens, os desejos e as falas, se remetem a um imaginário Egípcio cercado de referências à cultura Egípcia. Na imagem abaixo podemos perceber isso visualmente:

6. Considerações finais

A análise do Apocalipse de Sofonias, a partir da intertextualidade proposta por Marcelo Carneiro, revela uma narrativa enraizada na cultura egípcia, tanto em sua estrutura quanto em seus temas centrais. O conceito de juízo, mediado por figuras angelicais e pelo registro das ações humanas em rolos de escrita, encontra paralelos não apenas na tradição judaico-cristã, mas também em crenças egípcias sobre a pesagem da alma e a transição para o além. A presença de elementos como a acusação e a possibilidade de redenção por meio da intercessão e da misericórdia divina destaca um imaginário que, ao mesmo tempo em que se ancora em ideias cristãs emergentes, dialoga com o imaginário egípcio sobre a vida após a morte.

Ao explorar o manuscrito akhmímico sob essa perspectiva, observa-se como o texto dialoga com diferentes correntes religiosas e culturais do Egito tardio, ressignificando elementos locais dentro de um contexto apocalíptico. A dualidade entre acusação e redenção, o papel do visionário como testemunha e a própria noção de um julgamento registrado são representações simbólicas que transcendem fronteiras religiosas, evidenciando a complexa rede de influências que moldaram o cristianismo primitivo na região do Egito. A figura do *katēgoros*, o Acusador, e a ênfase no *cheirógraphon*, o rolo de escrita onde estão registradas as ações do visionário, remetem a uma visão cósmica de justiça, em que a memória dos atos humanos desempenha um papel fundamental na escatologia judaico-cristã.

Essa intertextualidade demonstra que o Apocalipse de Sofonias não é um texto isolado, mas parte de um vasto processo de reinterpretação de símbolos religiosos que circulavam no Egito no primeiro e segundo século da Era Comum. Mais do que um mero relato apocalíptico, a obra reflete um esforço teológico de adaptação e ressignificação, no qual o autor estava imerso em um círculo egípcio. Dessa forma, a pesquisa sobre o Apocalipse de Sofonias contribui para uma compreensão mais ampla da difusão do imaginário judaico-cristão no Egito e do processo de adaptação cultural pelo qual passou nos primeiros séculos de sua história. A intertextualidade com a tradição egípcia enriquece a leitura do texto e permite uma visão mais dinâmica do período, evi-

denciando como as fronteiras entre o cristianismo nascente e as tradições locais eram permeáveis e sujeitas a constantes reconfigurações.

Referências

- BAUCKHAM, Richard. *The Fate of the Dead: Studies on the Jewish and Christian Apocalypses* Leiden: Boston; Koln: Brill, 1998.
- CARNEIRO, Marcelo. Os livros conversam entre si: a intertextualidade no estudo da Bíblia. In: LEONEL, João; CARNEIRO, Marcelo (org.). *Para estudar a Bíblia: abordagens e métodos*. São Paulo: Editora Recriar, 2021. p. 205-225.
- DIEBNER, Bernd Jörg. *Zaphanjas Apokalypsen*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 2003.
- FAULKNER, Raymond O. *The Ancient Egyptian Book of the Dead*. London: The British Museum Press, 2010.
- FAULKNER, Raymond. *The Egyptian Book of the Dead: The Book of Going forth by Day*. San Francisco: Chronicle Books, 1998.
- HORNUNG, Erik. *Altägyptische Höllenvorstellungen*. Akademie Verlag: Berlin, 1968.
- HORNUNG, Erik. *Das Tal der Könige*. Munich: Beck, 2002.
- HORNUNG, Erik. *Die Unterweltbücher der Ägypter*. Artemis Verlag Zürich und München, 1992.
- LUNDHAUG, Hugo. The Apocalypse of Elijah in the Context of Coptic Apocrypha. In: ALLEN, Garrick Vernon; GAD, Usama Ali Mohamed; RODENBIKER, Kelsie Gayle; ROYLE, Anthony Philip; UNKEL, Jill (org.). *The Chester Beatty Biblical Papyri at Ninety: Literature, Papyrology, Ethics*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2023. p. 161-174.
- SAMOYAU, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SOMMER, Michael. Roman Tombs in Alexandria and in the Egyptian Chora: A Journey through the Afterlife of the Apocalypse of Zephaniah. In: SCHLIESSER, Benjamin; RÜGGEMEIER, Jan; KRAUS, Thomas J.; FREY, Jörg (org.). *Alexandria: Hub of the Hellenistic World*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2021. p. 207-228.
- STEINDORFF, Georg. *Die Apokalypse des Elias: Eine Unberkannte Apokalypse und bruchstücke der Sophonias-Apokalypse*. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1899.
- TAYLOR, John H. *Death and the Afterlife in Ancient Egypt*. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- VENIT, Marjorie Susan. *Visualizing the Afterlife in the Tombs of Graeco-Roman Egypt*. Cambridge, 2016.
- ZABATIERO, Julio. *Manual de Exegese*. 2. ed. São Paulo: Garimpo Editorial, 2007.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS



Distribuído sob Creative Commons CC-BY 4.0
 © 2025 aos autores.
 Publicado e Distribuído por ABIB

abib

Revista Oficial da
 Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica